

## CRENÇAS DE AUTO-CONCEITO E EXPECTATIVAS DE ALUNOS INGRESSANTES NO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS DE UMA IES DE SÃO PAULO

### RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a clareza de auto-conceito e as expectativas de alunos ingressantes em um curso de Ciências Contábeis oferecido por uma IES da Cidade de São Paulo. Para tanto, realizou-se uma pesquisa quantitativa-descritiva. Os dados foram coletados por meio de questionário, com questões estruturadas e semi-estruturadas. Constatou-se que 64,33% dos alunos possuem clareza de auto-conceito e percepções positivas sobre si mesmo, 60% dos respondentes consideraram a oportunidade de inserção no mercado de trabalho propiciado pela profissão contábil os principais motivos nesta tomada de decisão. 25% dos alunos disseram que o crescimento pessoal e a ascensão profissional foi um dos fatores motivadores desta escolha. Os alunos investigados demonstraram conhecimento sobre o curso de contabilidade e o perfil esperado pelo mercado de trabalho, apresentando assim, expectativas mais realistas diante da profissão. Conclui-se, assim, que o conhecimento de si próprio e a identificação com a profissão é de suma importância para a escolha profissional. Assim, a educação escolar deveria investir mais no desenvolvimento de auto-percepções positivas dos alunos como uma variável que pode favorecer escolhas vocacionais mais conscientes.

**Palavras-Chave:** Clareza de Auto-Conceito; Motivação e Expectativas; Curso de Ciências Contábeis; Alunos ingressantes.

### 1 INTRODUÇÃO

As transformações sociais, econômicas, culturais e tecnológicas contemporâneas interferem no mundo do trabalho alterando a organização da produção que passa a exigir trabalhadores mais competentes e esclarecidos tendo em vista a necessidade de atingir maior grau de produtividade e alcançar todo o potencial das novas tecnologias com as quais deve dominar para poder utilizar.

Entretanto, estas questões devem ser discutidas em consonância com questões éticas e morais que transcendam as preocupações com o crescimento econômico ou a satisfação individual e se vinculem a um comprometimento com o desenvolvimento social. Neste sentido, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/1996), no capítulo VI, Art. 43º, II, reforça o sentido do coletivo e do compromisso social, quando diz que um dos papéis da educação é “formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua”.

Isto significa dizer que o trabalho precisa ser percebido como uma das dimensões do desenvolvimento humano e, por sua vez, se apresenta como um aspecto significativamente relevante na construção da identidade do indivíduo. Entretanto, o trabalho não é só um meio de subsistência humana, “ganhar a vida”, por mais que esta seja a visão mais comum para a maioria pessoas. Além de ser fonte de renda e subsistência, o trabalho pode ser um instrumento de realização pessoal e fonte de prazer e criatividade (ODORIZZI; ROSISKI, 1997). Além disso, também, poderá assumir um papel ativo e dinâmico na sociedade sendo agente de transformação social e não mero reprodutor social.

Este estudo tem como centro de preocupação o papel social do indivíduo diante de uma profissão, e, neste âmbito as expectativas dos alunos ao ingressarem no curso superior. Pesquisas (LISBOA, 1997; SILVA; MAGALHÃES, 1996) têm analisado as características do jovem brasileiro diante da escolha de um curso superior, os dados revelam que este jovem, na

sua maioria é conservador, individualista, não se preocupa com as mudanças sociais, deseja realização pessoal, prazer no trabalho, estabilidade profissional e conforto material. Assim, busca um curso superior que lhe garanta acesso ao mercado de trabalho através da conquista de um emprego estável e bem remunerado, no qual permaneça por toda a vida (LASSANCE, 1997).

Estes achados revelam um jovem que busca uma permanência e rigidez da profissão que já não existem na sociedade do conhecimento. Isto vem de encontro com o que propõem Levenfus e Soares (2002) que afirmam que a escolha do curso de graduação deve orientar-se basear também na realização profissional, uma vez que muitas vezes são influenciadas pela vontade dos pais, retorno financeiro e mercado de trabalho. Há ainda aqueles que escolhem o curso por simplesmente atuar na área.

A partir deste panorama pode-se pensar no papel que deve assumir os serviços de orientação vocacional seja qual for o âmbito. Sua função é de ratificar estas crenças, no sentido de conscientizar os alunos sobre suas escolhas profissionais as quais, vão além do conservadorismo da renda e da subsistência. Por outro lado, a falta de orientação vocacional adequada nas escolas no ensino médio e fundamental, faz com que os alunos, quase sempre, não possuam uma noção mínima de quais sejam as atribuições da profissão por eles escolhidas.

Estudos como os de Campbell *et al.* (1996) mostram que no momento do ingresso o jovem está envolto por sentimentos de entusiasmo e vitória (por ter passado no vestibular). Um segundo momento seria marcado pelas decepções com a instituição de ensino, professores e preocupações em relação à escolha profissional. O conhecimento de si próprio, da área e a identificação com a profissão é de suma importância diante da escolha profissional. Uma das grandes preocupações da educação escolar deveria ser quanto ao desenvolvimento de auto-percepções mais favoráveis dos alunos o que favoreceria suas escolhas vocacionais.

Em vista da importância de se desenvolver percepções de auto-conceito e de se investir no desenvolvimento vocacional do aluno para que sua escolha vocacional seja mais assertiva, Bandura (1986) adverte que as práticas educacionais não deveriam ser focadas somente no desenvolvimento de capacidades e conhecimentos, mas também em valores, pois acabam influenciando nas crenças dos alunos sobre suas capacidades, visto que estas afetam o modo como elas enfocam o futuro. Pesquisa como a de Teixeira e Gomes (2005) constataram que a percepção de oportunidades, clareza de auto-conceito foram as variáveis que mais contribuíram para a predição da decisão de carreira na carreira dos alunos.

De uma forma unânime estes estudos comprovam a necessidade de implementar atividades relacionadas ao desenvolvimento de metas profissionais realistas para que os estudantes lidem de modo efetivo com a profissão que escolhem. Estas questões motivaram a escolha da temática deste estudo e provocaram questionamentos tais como: **Qual é a clareza de auto-conceito e as expectativas de alunos ingressantes em um curso de bacharelado em Ciências Contábeis oferecido por uma IES da Cidade de São Paulo ?**

Em vista deste questionamento elaborou-se como objetivo investigar a clareza de auto-conceito e as expectativas de alunos ingressantes em um curso de Ciências Contábeis oferecido por uma IES da Cidade de São Paulo. O estudo parte do pressuposto de que é por meio de uma atividade profissional que se constitui a percepção de pertencimento social, participação na esfera produtiva e construção efetiva da realidade.

Considera-se emergencial o conhecimento das crenças de auto-conceito, expectativas e motivações dos alunos que ingressam nos cursos de graduação bem como o investimento em propostas para o desenvolvimento destas percepções do aluno para que sua escolha vocacional seja mais assertiva. Espera-se que este estudo contribua para uma melhor compreensão e explicação desse importante momento do desenvolvimento vocacional dos alunos, que é o ingresso no ensino superior e que as informações e discussões desenvolvidas

ao longo do texto possam servir para elaboração de estratégias de intervenção junto aos estudantes em início do curso.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Neste tópico serão discutidos conceitos como auto-conceito, motivações, subjetividade humana, a escolha do curso e da profissão como variáveis importantes para o êxito pessoal e profissional. A partir deste ponto de vista é que serão discutidos conceitos como profissão contábil, competências e atribuições do contador tendo em vista sua responsabilidade social.

### **2.1 Crenças de auto-conceito na constituição da subjetividade humana**

Embora terminologia imprecisa, multifacetado, complexo e de difícil conceituação, o auto-conceito tem sido estudado nas diversas áreas da psicologia, especificamente, na área da educação em virtude da importância que assume na compreensão do processo de desenvolvimento vocacional. Neste estudo, adota-se o conceito de autores como Super (1963); Gecas (1982); Byrne (1986); Campbell et al. (1996); Levenfus (2002), que embora não adotem uma definição mais precisa concordam em torno da definição geral de que o auto-conceito envolve a percepção que o indivíduo tem de si próprio de suas capacidades e motivações.

Gecas (1982, p.152) define o auto-conceito como o "conceito que o indivíduo faz de si próprio como um ser físico, social e espiritual ou moral". Em acordo com esta definição Campbell et al. (1996) diz que o auto-conceito refere-se às crenças relativas a si mesmo (ou seja, aos atributos pessoais percebidos) são claramente definidos, consistentes e estáveis no tempo. Segundo Burns (1986), o autoconceito é composto por imagens acerca do que pensamos que somos, conseguimos realizar, o que os outros pensam de nós e também de como gostaríamos de ser, isto é, todas as maneiras de como uma pessoa pensa que é nos seus julgamentos, nas avaliações e tendências de comportamento.

Estas definições indicam que o autoconceito deve ser analisado como um conjunto de várias atitudes únicas de cada pessoa. Concordando com estas percepções Campbell et al. (1996) que resume como sendo um conjunto de valores que se formam perante situações do cotidiano que leva o indivíduo a nortear sua vida pelo que pensa de si, sendo este baseado em elementos de vários campos da existência, tais como a imagem corporal, a sensibilidade cinestésica e tátil, a cultura, a religião entre outros.

Para os fenomenologistas, o autoconceito é o constructo central da Psicologia, proporcionando a única perspectiva através da qual o comportamento humano pode ser compreendido (EPSTEIN, 1973). A formação do auto conceito ocorre na infância concomitantemente ao desenvolvimento da identidade ou *self* e evolui a partir dos processos de exploração, diferenciação, identificação, desempenho de papéis e testes de realidade. "O desenvolvimento psicossocial do indivíduo tem papel fundamental no sentido de fortalecer ou modificar auto conceitos que foram adquiridos nessa fase" (LEVENFUS, 2002, p.73).

Indivíduos com bom auto conceito lidam com situações e fatos produzidos de melhor forma por ter uma auto estima elevada, são confiantes e geralmente não deixam seus medos internos se agigantarem. Já os indivíduos com baixo auto conceito são inseguros perante situações do cotidiano e geralmente tem um mau desempenho nas tarefas pela baixa estima. O auto conceito pode ser trabalhado internamente em cada indivíduo, através de métodos pedagógicos e psicoterapêuticos na idade escolar, aumentando o desempenho dos alunos e os preparando para os desafios da vida adulta.

Super (1963) relaciona o auto-conceito ao desenvolvimento vocacional, intimamente relacionado com conceito de identidade. Para este autor, todo indivíduo, ao longo da

existência desenvolve um sistema de auto-conceito que é constituído pelas diversas percepções que possui sobre si. Cada um destes auto-conceitos relacionam-se a algum papel, alguma situação ou posição que o indivíduo experiêcia em sua vida.

Na adolescência é que ocorre a tradução do autoconceito em vocação envolvendo aspectos tais como:

Identificação com adultos significativos, maior ou menor êxito no desempenho de papéis, consciência da relação entre as características que o indivíduo possui, seus atributos e satisfação, e realização no exercício de determinado conjunto de papéis ocupacionais. Mais tarde, ocorre o processo de implementação do autoconceito, com a entrada no mundo do trabalho. O ajustamento vocacional do indivíduo, com estabilidade e satisfação estaria relacionado diretamente a uma tradução adequada do autoconceito no mundo ocupacional (LEVENFUS, 2002, p.73).

Estas colocações reforçam a idéia de que o auto-conceito vocacional é um dos componentes da identidade pessoal e define-se pela constelação de atributos do eu que o indivíduo considera vocacionalmente relevantes sejam ou não estes referidos como preferências vocacionais (SUPER, 1963). Deste modo, a identidade ocupacional é parte da identidade pessoal e os projetos profissionais fazem parte do projeto de vida da pessoa (LISBOA, 1997). Por isso pode-se dizer que a escolha profissional transforma-se em uma definição de quem ser e do que fazer no mundo através da profissão (BOHOSLAVSKY, 1977), essa escolha encontra lugar em um espaço que integra a realidade familiar, o contexto educacional e a realidade sócio-cultural do indivíduo e por isso mesmo deve ser consciente.

A entrada na universidade é um período de grande importância para aqueles que almejam formação de nível superior, haja vista um mercado de trabalho cada vez mais competitivo exigindo profissionais altamente qualificados em diversos aspectos. onde o “profissional completo” é aquele que se encontra em uma melhor posição dentro de uma empresa. O ingresso em uma IES torna-se o primeiro grande passo para sua formação.

## **2.2 A escolha da profissão**

Antes de falar de escolha é preciso falar do se entende por trabalho e profissão. Segundo Soares (1997), Bueno (1996) e Larousse (2001), o termo profissão significa preencher as funções inerentes a um cargo ou profissão; b) condição social; c) atividade ou ocupação especializada, da qual se pode tirar os meios de subsistência, ofício; c) meio de vida, emprego, ocupação. Já o termo trabalho significaria: a) aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim; b) atividade coordenada, de caráter físico ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento.

Para Lucchiari (1993), escolher significa optar, decidir-se por algo que, naquele momento, parece ser o melhor; mas escolher significa também deixar a possibilidade de viver outras coisas, outros relacionamentos, outras formas de atuação, outras possibilidades profissionais, implicando perdas e a elaboração delas. Para se escolher algo, conforme esclarece a autora, o indivíduo necessita conhecer a si mesmo. Conhecer as profissões trata-se, então, de uma decisão pessoal, a partir da qual se faz uma escolha em detrimento de outras. Para Muller (1988, p. 61), é o esclarecimento do papel sexual e social, no sentido de estabelecer “o que e quem ser” e “o que e quem não ser”.

Em acordo com estas colocações Levenfus (1997) acrescenta que o ato de escolher envolve não só aspectos cognitivos, como a capacidade de informar-se sobre as diversas profissões existentes na realidade sócio-profissional, mas também aspectos afetivos os quais poderão dificultar a escolha profissional. A autora destaca como aspectos que dificultam o ato de escolher o fato do indivíduo ser dotado de muitas aptidões com interesses que se distribuem em diferentes campos e ter dificuldade de discriminar e diferenciar os aspectos ligados às classificações afetivas que fazem das profissões ou ter dificuldade de identificar

seus próprios recursos pessoais, ou mesmo a forma e critérios que determina para fazer sua escolha.

Diante disso o indivíduo precisa definir-se enquanto identidade profissional, escolhendo uma profissão. A escolha profissional é resultado do que se admira e se deseja, do que se rejeita para de si mesmo e das aspirações do modo de ser e do que se quer alcançar.

Assim, pode dizer que a identidade profissional é considerada como um aspecto da identidade pessoal, posto que é parte de um sistema mais amplo que a compreende, sendo então determinada e determinante na relação com toda a personalidade (BOHOSLAVSKY, 1993). Ela pode tanto ser imatura e desajustada como madura e ajustada. Assim, depende de um auto-conhecimento e ajustamento de modo a se identificar com seus próprios gostos, interesses, aptidões e reconhecer o mundo exterior, a realidade sócio-profissional; buscando então coincidir seus interesses e aptidões tanto com sua realidade quanto com a realidade da profissão que lhe oferecem (BOHOSLAVSKY, 1993).

Levenfus (1997, p. 187) ressalta que, quando uma pessoa faz escolhas vocacionais, esta tenta traduzir o seu conceito do Eu em termos profissionais, sendo este conceito formado por meio de identificações, desempenho de funções e por meio de diversas experiências de vida. Deste modo, “o indivíduo psicologicamente ajustado tenderá a escolher a partir da identificação com profissões compatíveis com seu Eu”.

Nesta direção Levisky (1998), ressalta a existência de uma variedade de fatores que podem ser determinantes na tomada de decisão na escolha de um curso e que, em sua grande maioria, incluem: 1. A desinformação, a falta de conhecimento sobre as profissões e sobre si mesmo, destacando-se, então, os seguintes aspectos: a) quando a decisão é determinada por um único fator, tal como o econômico ou o tradicional, desprezando-se os demais, o adolescente segue a profissão dos pais por questão de facilidade ou por indução familiar; b) quando a decisão ocorre por um mero acaso, ou em uma fase circunstancial da vida; c) quando a decisão é prematura, ocorrendo em etapas iniciais da adolescência nas quais o jovem ainda não tem consolidada sua identidade profissional; d) quando a escolha é feita sem conhecimento da profissão e de si mesmo, e o jovem não se avalia ante sua escolha.

Estudo de Leventus e Soares (2002) reforça os dados acima, evidenciando que a escolha profissional sofre influências: a) da família (pais, amigos, professores ou do próprio meio); b) gosto (sonhos, habilidade, facilidade ou preferência pela área); c) indecisão ou falta de informação; d) interferência financeira (necessidade de ingressar em uma universidade federal ou um curso barato); e) mercado de trabalho (existência de espaço para os profissionais da área e alta demanda de empregos) entre tantas outras.

Pode dizer então que a escolha profissional é um processo complexo, que sofre interferência do contexto social e ideológico e de ordem individual. Estes dados indicam a necessidade de se atentar para a trajetória dos jovens as variáveis psicológicas, afetivas, sociais e econômicas presentes no seu processo, porém o fator crucial para a definição profissional é o modo como a pessoa se posiciona frente a todas essas variáveis, ou seja, o que ela faz disso, como se apropria dessas influências e para que futuro escolhem se lançar. (LEVENFUS; SOARES, 2002).

Neste contexto, o termo escolher significa dar preferência, eleger, preferir (HOUAISS, 2001, p. 1206). Para Soares (1987, p. 22), a escolha da profissão “não significa que, no outro extremo, nos espera a meta pretendida; para se chegar ao objetivo final, um longo caminho precisa ser percorrido”. Neste sentido, Müller (1988, p. 16) afirma que:

A escolha não é arbitrária, totalmente “livre” mas determinada como toda a atividade psíquica por um complexo de variáveis. A autonomia nunca é total, tampouco há escolhas completas “livre de conflitos”: a sublimação e a reparação são sempre relativas.

Isso significa dizer que a escolha do curso ou profissão, pode estar fundamentada em inúmeras causas, sendo que o insucesso educacional está relacionado a diversos fatores além da eficiência do professor ou da universidade em si.

Nérici (1992) ressalta que é importante que o indivíduo receba orientação educacional adequada para tomada de decisões a respeito da escolha profissional. Sobre o que é necessário para exercer a profissão, Franco (1993) defende o conceito de que nada é alcançado se não houver dignidade, amor a verdade, uma vez que o contador deve agir com firmeza, coragem, consciência de seus ideais, ética, sempre atualizar seu conhecimento, ler, indagar e pesquisar mesmo após a conquista do diploma. O contador deve ostentar além de uma formação técnica aprimorada, também formação cultural e humanística, desde o conhecimento da língua pátria até princípios de economia e estatística.

## **2.2 A profissão Contábil e as competências do contador**

A contabilidade está presente tanto na vida pessoal como nos negócios empresariais e, nesse sentido, configura-se como uma ciência de vital importância para o desenvolvimento da sociedade. Ela surgiu da necessidade do homem acompanhar e controlar a evolução de seu patrimônio. Dessa forma, a contabilidade é uma ciência que estuda o patrimônio das entidades, cabe à este estudo o registro e análise de toda movimentação ocorrida na empresa em um dado período (IUDÍCIBUS, 2000). Assim, esta ciência faz parte da evolução e do desenvolvimento do próprio ser humano e da sociedade.

Neste contexto, a origem da contabilidade está relacionada à necessidade de registros do comércio, pois à medida que o homem começava a possuir maior quantidade de seus bens e valores, precisava saber quanto isso poderia render e quais as formas para aumentar a sua situação patrimonial. Segundo Iudícibus, (2000) como tais informações eram cada vez mais numerosas e de difícil memorização, surgiu a necessidade dos registros, gerando os primeiros esboços para os estudos voltados para a contabilidade

Concordando com esta assertiva, Iudícibus; Marion e Faria (2009, p.36) afirmam que “o campo de atuação da Contabilidade na verdade o seu objeto, é o patrimônio de toda e qualquer entidade; ela acompanha a evolução qualitativa e quantitativa desse patrimônio”.

Para Iudícibus et al. (1998) a contabilidade é uma ciência com sua própria metodologia, capaz de interpretar os fenômenos que afetam o patrimônio das entidades sejam elas física ou jurídicas com o sem fins lucrativos. De acordo com esta visão Marion (2009, p. 28) define a contabilidade como sendo “o instrumento que fornece o máximo de informações para a tomada de decisões dentro e fora da empresas”.

Nesta perspectiva, Iudícibus e Marion (2002, p.53) afirmam que a contabilidade tem como objetivo “fornecer informação estruturada de natureza econômica, financeira e, subsidiariamente, física, de produtividade e social, aos usuários internos e externos à entidade”, sendo que tais informações são apuradas “ dentro de um esquema de planejamento contábil em que um sistema de informação é desenhado, colocado em funcionamento e periodicamente revisto, tendo em vista parâmetros próprios”. Para fazer cumprir seu objetivo de prover os usuários com informações, a contabilidade utiliza relatórios com a finalidade de expor “os principais fatos registrados por aquele setor em um determinado período.

No Brasil, a contabilidade foi fortemente influenciada pela escola italiana, e evoluiu através da legislação fiscal, pois, segundo Iudícibus (2000), primeiramente, a contabilidade preocupava-se basicamente com as informações financeiras, visando o atendimento das obrigações fiscais e legais. Com a evolução tecnológica e a ampliação das necessidades sociais, como um todo, houve também a ampliação do leque de usuários potenciais da contabilidade, criando-se a necessidade da empresa evidenciar suas realizações para a sociedade, contrariamente ao que acontecia antigamente, quando a contabilidade tinha por objetivo informar apenas ao dono qual o lucro obtido pela empresa em determinado período.

Com o surgimento do mercado globalizado que acirrou a concorrência, a informação contábil tornou-se imprescindível e estratégica para a subsistência e criação de vantagem competitiva para possibilitar que as empresas locais competissem com as grandes corporações transnacionais, e para que estas dispusessem das informações necessárias para poder avançar e expandir mundialmente.

Com ênfase em seus interesses específicos, são vários os usuários de contabilidade, tais como sócios e acionistas, investidores, administradores, bancos, fornecedores, governos, sindicatos, empregados, concorrentes (MARION, 2009). Neste sentido, pode-se dizer que a contabilidade tem papel de destaque nas empresas, uma vez que ao tratar os fatos patrimoniais, transformando-os em informações, exercita a sua principal função social.

Acompanhado da contabilidade temos obviamente, o contador, que é o profissional de contabilidade com formação humanística adequada ao exercício de sua profissão, revestido de valores éticos e sociais, capaz de gerir pessoas e organizações, independente do meio em que estiver.

Para Iudícibus, Marion e Faria (2009, p. 24) o “Contador é o profissional que exerce funções contábeis, com formação superior de ensino Contábil (Bacharel em Ciências Contábeis)”. O profissional de contabilidade deve estar capacitado a exercer funções cada vez mais amplas e complexas, não se restringindo apenas à escrituração dos fatos contábeis.

Antigamente o profissional de contabilidade era conhecido como guarda-livros e tinha como função principal a escrituração dos livros das empresas. Também é verdade este profissional até já foi visto como um funcionário indireto do governo, pois era incumbido de efetuar os cálculos de impostos e preenchimentos de guias para o seu recolhimento. Segundo Berti (2001, p.92),

Durante muito tempo, o profissional da contabilidade, no Brasil, teve, em suas atividades, a atenção voltada para atender o fisco (federal, estadual e municipal) e comportou-se como um mero funcionário do Estado, fazendo com que esse tivesse como preocupação o registro de fatos contábeis passados. Assim, deixou de lado a sua principal função que é auxiliar na tomada de decisão ou então, ser o agente da decisão.

Aquele profissional, que exercia apenas as funções técnicas da contabilidade, deu lugar a um contador mais dinâmico, consciente de sua responsabilidade, com a capacidade de empreendedorismo, análise crítica da conjuntura econômica nacional e internacional, e amplo conhecimento de legislações específicas. Esse profissional atua tanto nos sistemas e controles internos das organizações como na estruturação e gerenciamento de negócios.

O contador deve dominar todas as técnicas que permeiam a profissão, mas contextualizado e com visão nas diversas relações de sua área com as outras. O perfil que o contador deve ter é de uma pessoa que acumula conhecimentos sociais e técnicos em função do amplo mercado que ele tem a sua disposição. Profissional da área contábil deve ser moderno ao ponto de saber que a melhor remuneração esta atrelada à qualidade dos serviços prestados. Essa qualidade só será atingida mediante a dedicação em estudos, com muita aplicação, uma essencial base teórico-técnica e uma integração com a empresa no seu todo.

Marion e Santos (2001, p. 11) mencionam que “estamos diante de uma nova etapa na área contábil, ou seja, a fase mecânica cedeu lugar à fase técnica e esta cedendo lugar à fase da informação”. Os mesmos autores apontam que hoje, se espera que o contador esteja em constante evolução, pois além de uma série de atributos indispensáveis nas diversas especializações da profissão contábil, não é mais possível sobreviver adotando com aquela postura de escriturador, “guarda-livros”, “despachante” e autor de atividades burocráticas de maneira geral.

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a clareza de auto-conceito vocacional e as expectativas de alunos ingressantes em um curso de bacharelado em Ciências Contábeis oferecido por uma IES da Cidade de São Paulo, para alcançar este objetivo entendeu-se que a pesquisa quantitativa-descritiva seria o melhor caminho.

O estudo descritivo objetiva primordialmente a descrição das características de determinada população ou fenômeno. Segundo Gil (2002) este tipo de pesquisa tem como objetivo principal descrever, analisar e verificar as relações entre fatos e fenômenos (variáveis), ou seja, tomar conhecimento “do que”, “com quem”, “como” e qual a intensidade do fenômeno em estudo.

Por outro lado, a abordagem de pesquisa quantitativa, de acordo com Boudon (1989, p. 24), “ pode ser definida como a que permite recolher, num conjunto de elementos, informações comparáveis entre um elemento e outro”. É essa comparabilidade das informações que permite a análise quantitativa dos dados. Com relação ao método, Richardson (1999, p.70) expõe que a abordagem quantitativa:

Caracteriza-se pelo emprego de quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas, por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples, como percentual, média, desvio-padrão, às mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão etc.

Esse tipo de abordagem ressalta a importância de garantir a precisão dos resultados e busca evitar distorções de análise e de interpretação dos dados. Logo, esse método de pesquisa gera uma maior margem de segurança com relação às inferências feitas.

A pesquisa delimitou-se a um curso de Ciências Contábeis oferecido por uma IES da cidade de São Paulo. O curso foi escolhido pela acessibilidade dos pesquisadores e possibilidade de realização da pesquisa.

A população do estudo abrangeu 570 alunos do curso de ciências Contábeis oferecido pela IES selecionada. Destes alunos selecionou-se 01 (uma) turma de ingressantes, segundo semestre de 2010, composta por 60 alunos matriculados dos quais 43 estiveram presentes e no dia coleta de dados e participaram da pesquisa.

Os dados foram coletados por meio de questionário, que segundo Oliveira (1995) é uma técnica quantitativa de pesquisa que possibilita a organização dos resultados por categoria e em percentagens.

O instrumento de pesquisa foi composto de questões estruturadas e questões abertas, assim distribuídas: i) o primeiro bloco do questionário tem como objetivo um levantamento do perfil demográfico dos alunos; ii) o segundo bloco teve por objetivo avaliar a clareza de auto-conceito do aluno por meio de um conjunto de itens que representam a opinião do entrevistado. Esta escala foi a mesma utilizada por Teixeira (2002) que traduziu do estudo de de Campell et al. (1996). Os itens foram disponibilizados em uma escala likert de 5 pontos (indicando diferentes graus de concordância com as afirmações). Estes itens constantes do questionário, não sofreram adaptações para este estudo, sendo que o índice de consistência interna (Alpha de Cronbach) observado na amostra do estudo de Teixeira (2002, p. 43) foi de 0,85; e, iii). O terceiro e último bloco do questionário foi composto de questões semi-estruturadas, tendo como objetivo conhecer as expectativas dos alunos quanto ao curso conforme pode ser observado no quadro 01 a seguir:

ASSERTIVAS	
I BLOCO	
(1)	Sexo
(2)	Estado Civil
(3)	Idade
(4)	Ano de Conclusão do Ensino Médio
(5)	Modalidade: Público e Privado
II BLOCO	
(1)	Minhas crenças sobre mim mesmo frequentemente são conflitantes
(2)	Um dia eu tenho uma opinião sobre mim mesmo e outro dia já tenho outra opinião
(3)	Eu passo boa parte do meu tempo pensando sobre o tipo de pessoa que eu realmente sou
(4)	Às vezes eu sinto que eu não sou realmente a pessoa que aparento ser
(5)	Quando eu penso sobre o tipo de pessoa que eu fui no passado, eu não consigo ter muita clareza de como eu era
(6)	Às vezes penso que conheço mais as outras pessoas do que a mim mesmo
(7)	Minhas crenças sobre mim mesmo parecem mudar com muita frequência
(8)	Se me pedissem para eu descrever a minha personalidade, minha descrição seria diferente de um dia para o outro
(9)	Mesmo que eu quisesse, eu não acho que seria possível eu dizer para alguém como eu realmente sou
(10)	De um modo geral, eu tenho uma idéia clara de quem e o quê eu sou
III BLOCO	
(1)	Fatores determinantes da escolha do curso
(2)	Expectativas sobre o curso de Ciências Contábeis

**Quadro 1 - Formato do Instrumento de Coleta de Dados**

O terceiro e último bloco do questionário, composto de questões semi-estruturadas, foi aplicado a duas etapas de pré-teste em formandos do curso de Contábeis de outras instituições de ensino. Sofreu modificações nas duas fases em vista da sua melhor adequação na aplicação final.

A coleta dos dados foi realizada no mês de outubro de 2010, o questionário foi aplicado em sala de aula pelo professor da disciplina e acompanhado pelos alunos pesquisadores, que puderam esclarecer dúvidas. . Antes da realização da pesquisa os alunos foram informados dos seus objetivos e assinaram em termo de consentimento livre e esclarecido.

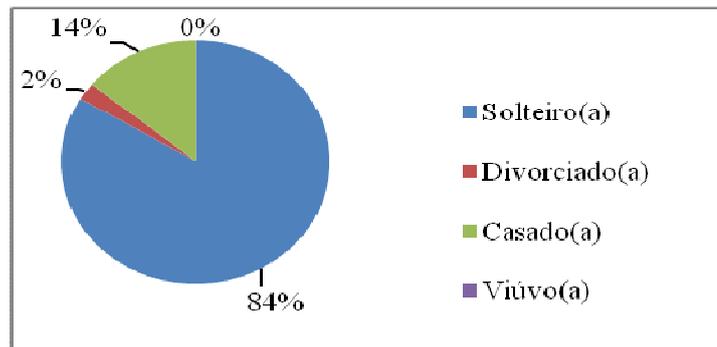
O primeiro e o segundo bloco de questões foram analisados por meio de análises descritivas. Nesse sentido, os dados foram receberão tratamentos estatísticos disponíveis no Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) e em planilha Excel, especialmente preparada para o tratamento estatístico. Para analisar a segunda parte do questionário utilizou-se a análise de conteúdo, que consiste

A terceira parte do questionário esta composta por questões abertas foi analisada de forma qualitativa, pela técnica de análise de conteúdo, definida por Bardin (1977, p.42) que prevê três etapas principais: 1ª) A pré-análise; 2ª) A exploração do material; 3ª) O tratamento dos resultados.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES DOS DADOS DA PESQUISA**

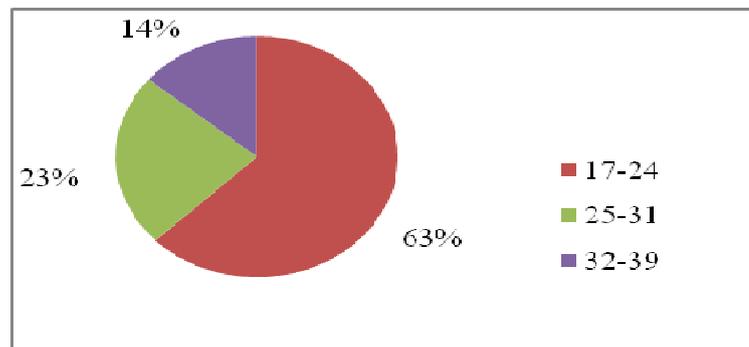
### **4.1 Perfil Demográfico dos Respondentes**

Segundo os dados obtidos na primeira parte do questionário (Gráfico 1) constatou-se que 24 (56%) dos entrevistados são homens e 19 (44%) são mulheres.



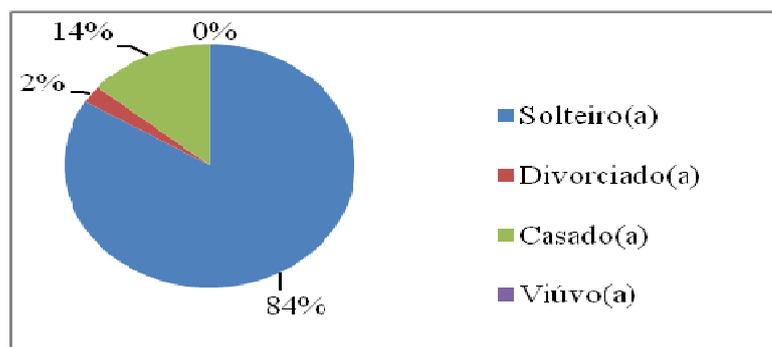
**Gráfico 1: Sexo dos respondentes**

Quanto à **faixa etária**, pode-se dizer que 63% dos entrevistados têm idade entre 17 e 24 anos, sendo que 23% destes tem entre 25 e 31 anos, sendo que os 14% restantes tem idade de 32 a 39 conforme pode-se visualizar pelo Gráfico 2.



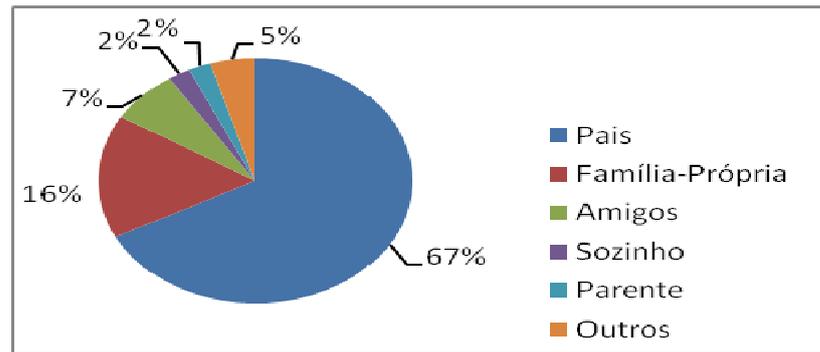
**Gráfico 2: Faixa Etária dos respondentes**

No quesito **estado civil** (Gráfico 3), há uma maioria significativa de solteiros (84%) entre os entrevistados, seguida dos casados com 14% e dos divorciados como 2% do total da amostra.



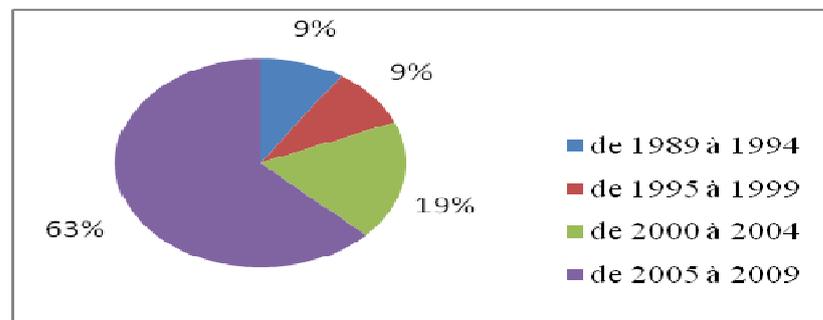
**Gráfico 3: Estado Civil dos respondentes**

No Gráfico 4, podemos observar que residir com os pais é a opção de grande parte dos ingressantes (67%), também temos 16% que constituíram e moram com suas famílias, seguidos de 7% que residem com amigos.

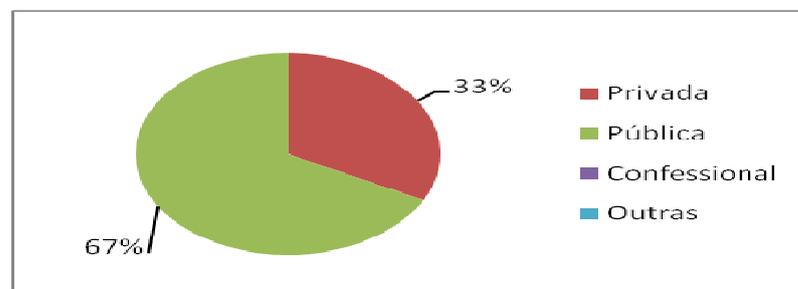


**Gráfico 4: Com quem reside dos respondentes**

Concluíram o Ensino Médio entre 2005 e 2009, 63% dos respondentes, seguidos pelos concluintes (19%) entre 2000 e 2004, tendo os outros 18% concluído o Ensino Médio concluído entre 1989 e 1999 (Gráfico 5).



**Gráfico 5: Ano de Conclusão do Ensino Médio**



**Gráfico 6: Tipo de Escola que cursou no Ensino Médio**

Entre os entrevistados, 67% disseram ter cursado o Ensino Médio em escolas públicas enquanto os outros 33%, em escola privada, como foi evidenciado no gráfico a seguir.

#### **4.2 Clareza de auto-conceito dos Alunos ingressantes no Curso de Ciências Contábeis**

As respostas escalonadas de 1 (um) a 2 (dois), referentes as perguntas número 1 (um) a pergunta número 9 (nove) representam um auto-conceito claro e bem definido. Contrariamente as respostas escalonadas de 3 (três) a 5 (cinco) representam um auto-conceito baixo para o mesmo grupo de perguntas.

A questão de número 10 (dez) tem por objetivo, ratificar as respostas anteriores e sua métrica seguiu a ordem inversa da escala, em que as respostas escalonadas de 4 (quatro) a 5 (cinco) representam um nível de clareza de auto-conceito alto, e as respostas de 1 (um) a 3 (três) representam o nível baixo.

Os itens da escala aplicados à amostra apresentaram os resultados, assim representados:

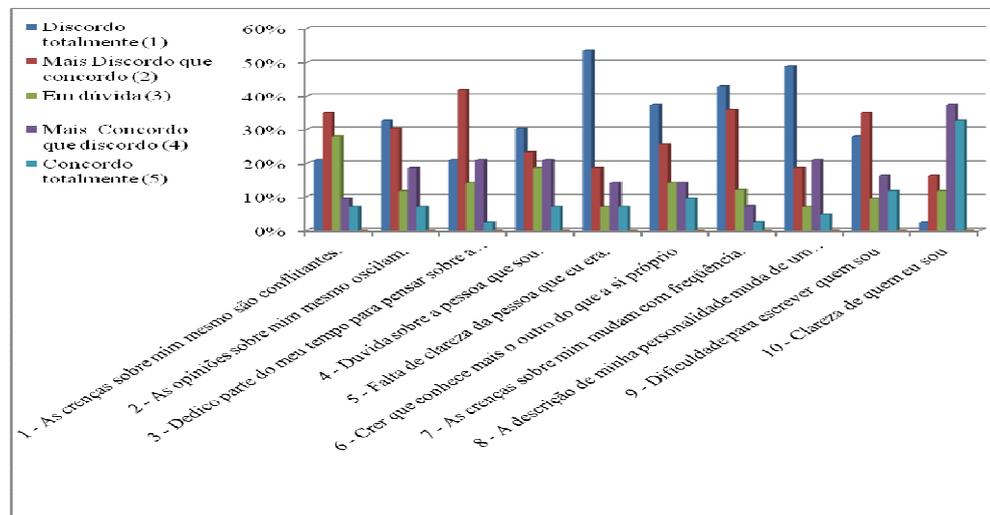


Gráfico 7: Níveis de Clareza de Auto-Conceito

A representação do Gráfico 7 demonstra ser positivo os níveis de auto-conceito dos respondentes, sendo que os resultados mais relevantes podem ser assim sintetizados no Quadro 2 abaixo:

	Discordo totalmente (1)	Mais Discordo que concordo (2)	Em dúvida (3)	Mais Concordo que discordo (4)	Concordo totalmente (5)
Questão 1	21%	35%	28%	9%	7%
Questão 2	33%	30%	12%	19%	7%
Questão 3	21%	42%	14%	21%	2%
Questão 4	30%	23%	19%	21%	7%
Questão 5	53%	19%	7%	14%	7%
Questão 6	37%	26%	14%	14%	9%
Questão 7	43%	36%	12%	7%	2%
Questão 8	49%	19%	7%	21%	5%
Questão 9	28%	35%	9%	16%	12%
Questão 10	2%	16%	12%	37%	33%

Gráfico 8: percentual dos níveis de clareza de auto-conceito

Referente à **questão 01**, “*Minhas crenças sobre mim mesmo freqüentemente são conflitantes*”, **56%** dos alunos mais concordaram do que discordaram, seguido da **questão 02**, “*Um dia eu tenho uma opinião sobre mim mesmo o outro dia já tenho outra opinião*”, **63%** dos alunos mais concordaram do que discordaram, da **questão 03**, “*Eu passo boa parte do meu tempo pensando sobre o tipo de pessoa que eu realmente sou*”, **63%** dos alunos mais concordaram do que discordaram, da **questão 04**, “*Às vezes eu sinto que eu não sou realmente a pessoa que aparento ser*”, **53%** dos alunos mais concordaram do que discordaram, da **questão 05** “*Quando eu penso sobre o tipo de pessoa que eu fui no passado eu não consigo ter muita clareza de como eu era*”, **72%** dos alunos mais concordaram do que discordaram, da **questão 06**, “*Às vezes penso que conheço mais as outras pessoas do que*

a mim mesmo”, **63%** dos alunos mais concordaram do que discordaram, da **questão 07**, “Minhas crenças sobre mim mesmo parecem mudar com muita frequência”, **79%** dos alunos mais concordaram do que discordaram, da **questão 08**, “Se me pedissem para eu descrever a minha personalidade, minha descrição seria diferente”, **68%** dos alunos mais concordaram do que discordaram, seguida da **questão 09**, “Mesmo que eu quisesse, eu não acho que seria possível eu dizer para alguém como eu realmente sou”, **63%** dos alunos mais concordaram do que discordaram. Conforme se pode perceber, as questões de 1 a 9, considerando que a soma dos que responderam “Discordo Totalmente” ou “Mais Discordo que Concordo” representam em média, **64,33%** da amostra, isto permite concluir que os alunos possuem auto-conceito positivo sobre si mesmo.

Estes achados estão de acordo com Levenfus (1997, p. 187) que ressalta que quando uma pessoa faz escolhas vocacionais, esta tenta traduzir o seu conceito do Eu em termos profissionais, sendo este conceito formado por meio de identificações, desempenho de funções e por meio de diversas experiências de vida. Deste modo, “o indivíduo psicologicamente ajustado tenderá a escolher a partir da identificação com profissões compatíveis com seu Eu”.

A **questão 10**, “De um modo geral, eu tenho uma idéia clara de quem e o quê eu sou”, buscou inverter o sentido das questões de 1 a 9 para a confirmação das opiniões dos entrevistados. Percebe-se que esta questão ratificou os resultados obtidos, **70%** dos alunos mais concordaram do que discordaram, o que reforça os resultados encontrados.

Estes resultados estão de acordo com Bohoslavsky (1993), quando observa que a identidade profissional é um reflexo da identidade pessoal, posto que é parte de um sistema mais amplo que a compreende, sendo então determinada e determinante na relação com toda a personalidade.

### 4.3 Motivações e Expectativas dos Ingressantes no Curso de Ciências Contábeis

Com o objetivo de conhecer as expectativas e as motivações dos alunos quanto ao curso, aplicou-se a amostra duas questões qualitativas por meio de questionário, inquirindo-os sobre quais foram os motivos da opção pelo curso e as expectativas geradas em torno dele. O tratamento dos resultados foram trabalhados por meio da leitura, caracterização e a interpretação das informações, procurando extrair os dados mais significativos e relevantes entre dos respondente.

O quadro 08 a seguir resume as categorias e os extratos mais significativos apresentados nas motivações e expectativas dos alunos pesquisados.

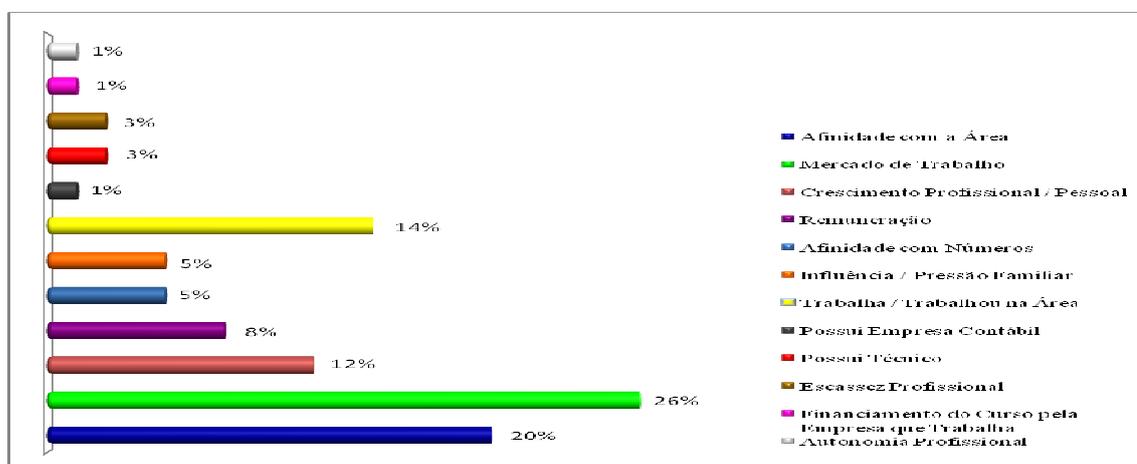
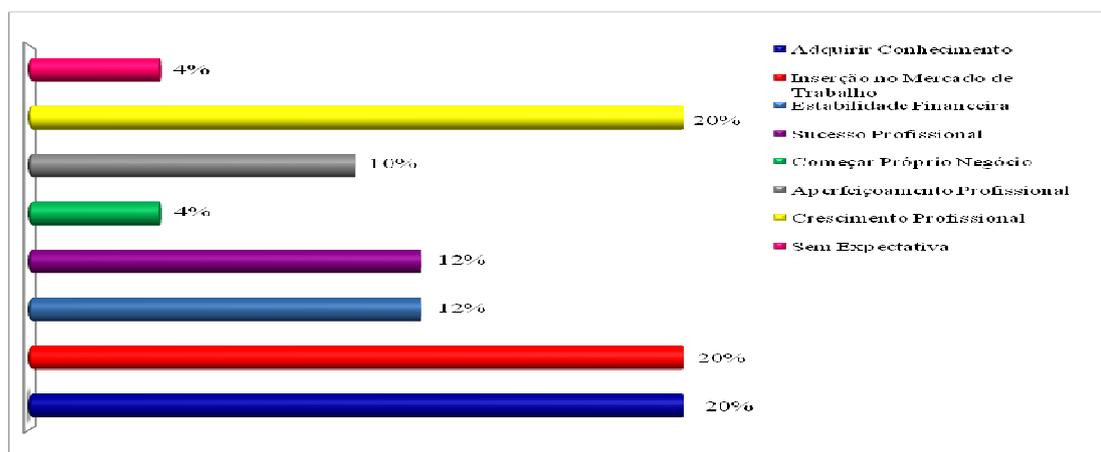


Gráfico 9: Motivos para a escolha do curso

Quanto aos fatores para escolha do curso, o mercado de trabalho foi o mais abordado entre os pesquisados (n=20) que o consideram diversificado e promissor, em seguida a afinidade com a área (n=15), partindo do princípio que a contabilidade está ligada a ciências exatas. A terceira motivação parte daqueles que trabalham ou trabalharam na área (n=11), cujas empresas remuneraram de forma diferenciada aqueles que possuem uma formação superior. Crescimento profissional ou pessoal aparece em quarto lugar (n=9), apontado por aqueles que na sua maioria já trabalham direta ou indiretamente com a contabilidade e desejam aprimorar suas habilidades, desenvolvendo tanto o lado profissional e conseqüentemente o pessoal.



**Gráfico10: Expectativas e motivações para a escolha do curso do curso**

Quanto às motivações para a escolha do curso mais citadas pelos respondentes foram: adquirir conhecimento na área, 20% dos alunos; crescimento profissional/possibilidade de carreira, 20% dos alunos entrevistados; inserção no mercado de trabalho, 20% dos alunos respondentes; buscar uma base sólida de formação; estabilidade financeira, 12% dos alunos respondentes; sucesso profissional, 12% dos alunos respondentes.

Este resultado está em acordo com o estudo de Leventus e Soares (2002) que mostrou que a escolha profissional sofre influências do mercado de trabalho e da existência de espaço para os profissionais da área, a alta demanda de empregos bem como a identificação e o gosto pela profissão (sonhos, habilidade, facilidade ou preferência pela área) também exerce influência.

Pode dizer então que a escolha profissional é um processo complexo, que sofre interferências do contexto social e ideológico e de ordem individual. Neste sentido, estes resultados confirmam o estudo de Müller (1988, p. 16) quando diz que a escolha da profissão não é arbitrária, totalmente “livre” mas determinada como toda a atividade psíquica por um complexo de variáveis. A autonomia nunca é total, tampouco há escolhas completas “livre de conflitos”: a sublimação e a reparação são sempre relativas.

Assim, a escolha do curso fundamenta-se em inúmeras fatores, no que se refere à Contabilidade, esta escolha pode estar atrelada ao fato de ser uma profissão promissora que oferece rápida inserção no mercado de trabalho, disponibilizando uma variedade áreas, ramos de atuação e possibilidade de carreira.

## 5 CONCLUSÕES

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a clareza de auto-conceito e as expectativas de alunos ingressantes em um curso de Ciências Contábeis oferecido por uma IES da Cidade de São Paulo. Verificou-se que os alunos investigados possuem percepções

positivas sobre si mesmos e percepção favoráveis quanto ao curso de bacharelado de Ciências Contábeis, considerando-o atraente pela empregabilidade, pela possibilidade de carreira e estabilidade financeira. Este fato evidenciou que o conhecimento positivo de si próprio, da área e a identificação com a profissão é de suma importância diante da escolha profissional.

Entretanto, um curso não deve ser escolhido somente em função renda e da subsistência, inclui responsabilidades sociais diante da profissão, neste sentido a identificação com o curso, o conhecimento das atribuições da profissão escolhida e sua responsabilidade fazem o diferencial.

O auto-conceito é composto por imagens acerca do que o próprio indivíduo pensa que é, o que pensa que consegue realizar e o que pensa que os outros pensam dele e também de como gostaria de ser. O indivíduo precisa definir-se enquanto identidade profissional, escolhendo uma profissão. A escolha profissional é resultado do que se admira e se deseja, do que se rejeita para de si mesmo e das aspirações do modo de ser e do que se quer alcançar.

A escolha profissional é um processo complexo, que sofre interferência do contexto social e ideológico e de ordem individual. A profissão contábil é promissora, entretanto, a ascensão profissional exige profissionais esclarecidos e bem preparados para os desafios globais. Neste sentido, as concepções de auto-conceito e as motivações para a escolha do curso de Ciências Contábeis são variáveis importantes, sendo diferenciais para o êxito do curso e da profissão contábil.

Conclui-se que alunos com auto-percepções mais positivas expressaram conhecimento da área pretendida, conhecimento do perfil esperado pelo mercado de trabalho e expectativas mais realistas diante da profissão contábil. O conhecimento de si próprio e a identificação com a profissão é de suma importância na escolha profissional.

Espera-se que este estudo contribua para a criação de propostas de orientação profissional que resulte no desenvolvimento de auto-percepções mais positivas dos alunos como uma variável que pode favorecer escolhas vocacionais mais conscientes.

Como pesquisas futuras sugere-se a ampliação das bases de dados abrangendo alunos concluintes do curso de Contabilidade de diferentes IES. Como questionamento sugere-se investigar quais são os níveis de clareza de auto-conceito e de auto-eficácia e seus efeitos nas expectativas e motivações futuras, inserindo questões que abordem a opinião do aluno sobre a sua responsabilidade social diante da profissão.

## REFERÊNCIAS

BANDURA, A. *Social foundations of thought and action: a social cognitive theory*. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1986.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70 LDA, 1977.

BERTI, A. *O profissional da Contabilidade frente à tomada de decisão*. Revista do Conselho Federal de Contabilidade, ano XXX, nº 127, jan/fev 2001.

BOHOSLAVSKY, R. *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BOHOSLAVSKY, R. *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes 1977.

BOUDON, R. *A Ideologia*. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

BUENO, F. da S. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: TTD, 1996.

BURNS, R.B. *The Self-Concept (4rd ed.)*. London: Longman, 1986.

BYRNE, B.M., & Shavelson, R.J. (1986). On the structure of the Croock, L. (1984). The linkage of work achievement to self esteem, career maturity, and college achievement. *Journal of Vocacional Behavior*, 25 (1), 70-79.

CAMPBELL, J.; et al. Self-concept clarity: Measurement, personality correlates, and cultural boundaries. *Journal of Personality and Social Psychology*, [n.70, p. 141-156,1996. [on line]. Disponível na Base de Dados CAPES: Science Direct. *da ABOP*, 1(1), 89-96.

CONSELHO REGIONAL DE CONTABILIDADE DE SÃO PAULO (Brasil). *Profissão Contábil*. Disponível em: <<http://www.crcsp.org.br/>> Acesso em: 29 ago. 2010.

COSENZA, J. P. Perspectivas para a profissão contábil num mundo globalizado: um estudo a partir da experiência brasileira. *Revista do Conselho Federal de Contabilidade*, XXX(130): 2001, p. 42-63.

EPSTEIN, S. The self-concept revisited: Or a theory of a theory. *American Psychologist*, 28 (5), 1973. P. 404-416.

FRANCO, Hilário. *50 anos de contabilidade*. São Paulo: Atlas, 1993.

GECAS, V. The self-concept. *Annual Reviervs of Sociology*, (1982). 8, 1-33.

GIL, A.C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisas*. São Paulo: Ed. Atlas, 2002.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro (RJ): Objetiva, 2001.

IUDÍCIBUS, Sérgio de et al. *Contabilidade Introdutória*. 9º ed. São Paulo: Atlas, 2008.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Teoria da Contabilidade para Nível de Graduação*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

. *Teoria da Contabilidade*. São Paulo: 2000.

LAKATOS, E.; MARCONI, M. *Metodologia científica*. 2ed. São Paulo: Atlas, 1997. 249 p.V.

LAROUSSE, A. *Dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 2001.

LASSANCE, M. C. P. A. Orientação profissional e a globalização da economia. *Revista da ABOP*, 1(1). 71- 80, 1997.

LEVENFUS, R. S. *Psicodinâmica da escolha profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LEVENFUS, R.; SOARES, D. Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

- LEVISKY, D. L. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- LISBOA, M. D. *Associações: Contexto sócio-econômico e compromisso social dos profissionais*. *Revista*, 1997.
- MARION, J. *Contabilidade Empresarial*. 10ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Contabilidade Empresarial*. 8º ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Contabilidade Básica*. 10º ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- MARTINS, G.; THEÓPHILO, C. *Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicada*. São Paulo: Atlas, 2007.
- MULLER, M. *Orientação vocacional: contribuições clínicas e educacionais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- NÉRICI, I. *Introdução à orientação educacional*. 5ed. São Paulo: Atlas, 1992.
- ODORIZZI, C. M. A.; ROSISKI, E. C. As Transformações nas relações trabalho-educação. Em Associação Brasileira de orientadores profissionais (ABOP), *Anais...* (pp.19-26). Canoas: ABOP, 1997.
- OLIVEIRA, A. *Métodos e técnicas de pesquisa em contabilidade*. São Paulo: Saraiva, 1995.
- SÁ, Antonio Lopes de. *Teoria da Contabilidade*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- SANTOS, M. *O perfil do futuro profissional e a sua responsabilidade social*. *Revista do Conselho Regional do Paraná*, ano 26, nº 129, 2001.
- SILVA, L. D.; MAGALHÃES, M. Adolescência hoje: Um projeto de vida na pós-modernidade. Em E. C. S. Rosiski (Org.), *Rumo à universidade: Um projeto de vida*. Ijuí: SEDIGRAF, 1996.
- SOARES, A.A. *O jovem e a escolha profissional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1997
- SUPER, D. Toward making self-concept theory operational. In: SUPER Donald E. et al. (Orgs.). *Career development: self concept theor*. New York: College Entrance Examination Board - Columbia University, 1963. p. 1-14.
- TEIXEIRA, M; GOMES, W. Decisão de Carreira entre Estudantes em Fim de Curso Universitário. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, São Paulo, SP, v. 21, n. 3, p. 327-334, 2005.